

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Percepção de violência e conflito: Diagnóstico do Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe (OPPES)

David Tavares de Sousa, Joana dos Santos, Marcus Eugênio Oliveira Lima, Dalila Xavier de França

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15438>

Submetido em: 2026-03-13

Postado em: 2026-03-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Sara Rogéria Santos Barbosa (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7039-9529>)

## Artigo

### **Percepção de violência e conflito: Diagnóstico do Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe (OPPES)**

### **Perception of violence and conflict: Diagnosis of the Permanent Observatory of Prejudices in Schools of Sergipe (OPPES)**

### **Percepción de violencia y conflicto: Diagnóstico del Observatorio Permanente de los Prejuicios en Escuelas de Sergipe (OPPES)**

David Tavares de Sousa<sup>1</sup>

ORCID <https://orcid.org/0009-0007-5311-8896>  
[davidts@academico.ufs.br](mailto:davidts@academico.ufs.br)

Joana dos Santos<sup>1</sup>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7780-4432>  
[joana.snt23@gmail.com](mailto:joana.snt23@gmail.com)

Marcus Eugênio Oliveira Lima<sup>1</sup>

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5280-130X>  
[marcus@academico.ufs.br](mailto:marcus@academico.ufs.br)

Dalila Xavier de França<sup>1</sup>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0431-3034>  
[dalila@academico.ufs.br](mailto:dalila@academico.ufs.br)

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe (PPGPSI/UFS), São Cristóvão - SE, Brasil.

## RESUMO

A escola se configura como um lugar de relações grupais complexas, intensas e heterogêneas e que podem desencadear conflitos e violências. Assim, torna-se necessário investigar a percepção e a experiência dos sujeitos escolares sobre esses fenômenos, pois a compreensão dessa subjetividade permite a elaboração de estratégias de mediação eficazes e contextualizadas à realidade das instituições. Sob essa ótica, este estudo analisou o cenário educacional de Sergipe em dez escolas públicas, com o objetivo de diagnosticar índices de violência e conflito. Metodologicamente, foram aplicadas cinco escalas de clima escolar e uma questão aberta a uma amostra de 1.850 estudantes (50,50% do sexo masculino). Os resultados indicaram percepções de desrespeito dos alunos para com os professores, mas também apontaram a percepção de eficácia da equipe escolar na resolução de conflitos. Observou-se, ainda, um alto índice de *bullying* (nas condições de testemunha, alvo e agente), com o ambiente online destacando-se como o local prevalente de ocorrência, especialmente entre indivíduos do sexo feminino. Nesse cenário, os dados reforçam a necessidade de ações voltadas à resolução de conflitos e ao enfrentamento da violência nas escolas do Estado, visando transformar o ambiente escolar em um espaço de diálogo e respeito mútuo.

**Palavras-chave:** Escolas; Conflitos; OPPEs; Violência.

## **ABSTRACT**

The school is a setting characterized by complex, intense, and heterogeneous group dynamics that can trigger conflicts and violence. Thus, it is necessary to investigate students' perceptions and experiences of these phenomena, as understanding this subjectivity enables the development of effective mediation strategies tailored to the reality of these institutions. From this perspective, this study analyzed the educational landscape of Sergipe in ten public schools, with the aim of assessing levels of violence and conflict. Methodologically, five school climate scales and an open-ended question were administered to a sample of 1,850 students (50.50% male). The results indicated perceptions of disrespect by students toward teachers, but also pointed to the perception of the school staff's effectiveness in resolving conflicts. A high rate of bullying was also observed (in the roles of witness, target, and perpetrator), with the online environment standing out as the most prevalent setting for such incidents, especially among female students. In this context, the data reinforce the need for actions aimed at conflict resolution and addressing violence in the state's schools, with the goal of transforming the school environment into a space for dialogue and mutual respect.

**Keywords:** Schools; Conflicts; OPPEs; Violence.

## **Resumen**

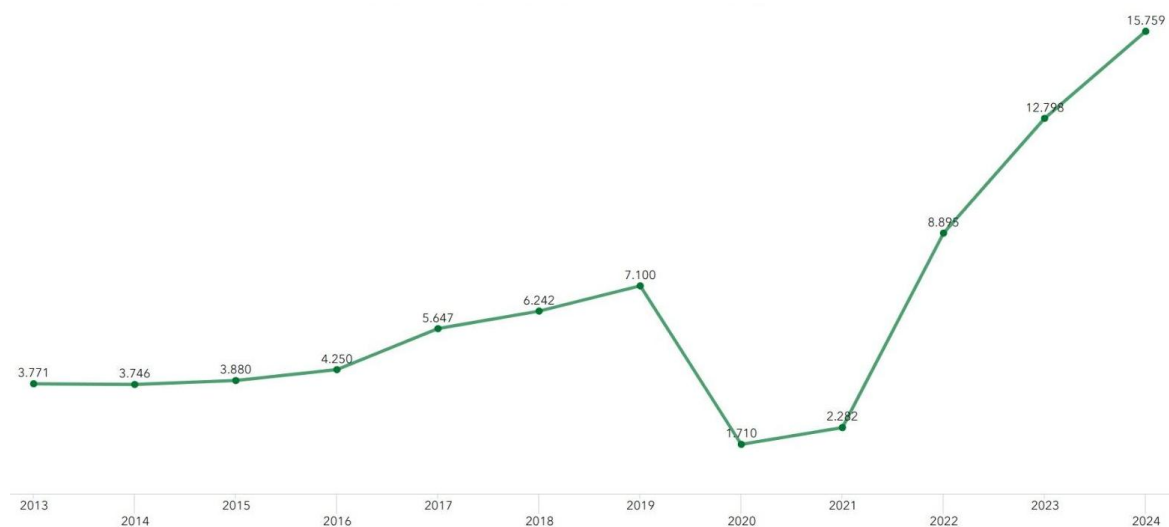
La escuela se configura como un lugar de relaciones grupales complejas, intensas y heterogéneas que pueden desencadenar conflictos y actos de violencia. Por ello, resulta necesario investigar la percepción y la experiencia de los alumnos respecto a estos fenómenos, ya que la comprensión de esta subjetividad permite elaborar estrategias de mediación eficaces y adaptadas a la realidad de las instituciones. Desde esta perspectiva, el presente estudio analizó el panorama educativo de Sergipe en diez escuelas públicas, con el objetivo de diagnosticar los índices de violencia y conflicto. Metodológicamente, se aplicaron cinco escalas de clima escolar y una pregunta abierta a una muestra de 1.850 estudiantes (el 50,50 % de sexo masculino). Los resultados indicaron percepciones de falta de respeto de los alumnos hacia los profesores, pero también señalaron la percepción de eficacia del equipo escolar en la resolución de conflictos. Se observó, además, un alto índice de acoso escolar (en las condiciones de testigo, víctima y agresor), destacando el entorno en línea como el lugar predominante de ocurrencia, especialmente entre las alumnas. En este contexto, los datos refuerzan la necesidad de medidas orientadas a la resolución de conflictos y a la lucha contra la violencia en las escuelas del estado, con el objetivo de transformar el entorno escolar en un espacio de diálogo y respeto mutuo.

**Palabras clave:** Escuelas; Conflictos; OPPEs; Violencia.

## **Introdução**

Em junho de 2025, o G1<sup>1</sup> publicou uma notícia relatando que, em 3 anos, o Brasil teve 27 ataques de violência extrema em escolas. Além disso, São Paulo liderou o número de ataques (10), seguido pelo Rio de Janeiro (5) e pela Bahia (5) e 78% dos autores eram menores de 18. Das 43 escolas atingidas, 23 são estaduais, 13 municipais e 7 particulares (G1, 2025). Entre 2013 e 2023<sup>2</sup>, houve o aumento de 247,8% no número de casos registrados de violência nas escolas, com um total de 60.985 vítimas de violência interpessoal nas escolas, sendo 13.117 vítimas de violência interpessoal em todo o Brasil apenas em 2023 e, destas, 60,6% é do sexo feminino e 52,6% são negras (Brasil, 2025), possibilitando perceber o recorte de gênero e de raça. Dados semelhantes são apresentados pelo Observatório Nacional dos Direitos Humanos - ObservaDH, evidenciado que o recorte por sexo evidencia que há um maior impacto entre medidas (27%), com idade de 13 a 17 anos, em relação aos meninos (8%), com situações relacionadas à aparência do corpo (16,5%), à aparência do rosto (10,9%), à raça/cor (4,6%) e à orientação sexual (2,5%).

**Imagem 1: Notificações de violência interpessoal nas escolas. Brasil, 2013-2024.**



**Fonte:** Sinan (2013-2024). Retirado do ObservaDH. Elaboração: FBSP e CGIE/MDHC.

Nos dados da revisão sistemática de Silva e Negreiros (2020), com o objetivo de analisar o panorama de violência nas escolas públicas brasileiras, foram encontrados

<sup>1</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/06/03/em-3-anos-brasil-tem-27-ataques-de-violencia-extrema-em-escolas-por-que-tantos-casos.ghtml>

<sup>2</sup>Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/dados-sobre-violencias-nas-escolas,d3351e2e-b2c6-457a-9639-6f8d2a7b8a90>

aspectos relacionados à prevalência de violência física, verbal e relações interpessoais, sendo que, em um dos estudos, a violência física foi a mais prevalente, seguida de violência verbal.

A escola é um espaço que integra uma gama de diversidades, sejam psicológicas ou sociais, por exemplo. Nela, os indivíduos podem se identificarem com grupos, ou seja, se sentirem pertencentes a um grupo por compartilharem características em comum, isso porque a escola se configura como um espaço de encontros de identidades diversas, que é fundamental para a constituição das identidades, mas que também se torna um campo fértil para a emergência de conflitos identitários e de reações emocionais inadequadas (França et. al, 2025). Na Psicologia Social, a Teoria da Identidade Social explica padrões de aglutinações entre grupos, em que indivíduos de um determinado grupo tende a maximizar características do próprio grupo, ou seja, do endogrupo, e minimizar características do exogrupo, ou seja, o grupo externo ao seu (Turner; Brown & Tajfel, 1979). Neste plano, encontra-se o conflito intergrupais, que emergem porque, sempre que um indivíduo se autodefine ou é rotulado como pertencente a determinado grupo social, as representações sociais associadas a esse grupo passam a lhes ser atribuídas, como estereótipos, emoções despertadas e o status ocupado na estrutura social. Sob essa lógica, tanto os grupos desvalorizados, estigmatizados ou minorizados quanto os grupos socialmente em situação de poder tendem a reagir de forma defensiva: os primeiros, diante das experiências de exclusão e discriminação, e os segundos, na tentativa de preservar seus privilégios. Assim, os processos de categorização social, presentes no cotidiano escolar, contribuem para a intensificação de tensões e conflitos nas relações interpessoais (Lima, 2025).

É nesse contexto das relações intergrupais que o preconceito emerge, especialmente a partir da percepção das diferenças e das desigualdades de poder entre os grupos sociais, que vão se manifestar de forma significativa no ambiente escolar. Nessas relações, o preconceito afeta não apenas as relações entre os próprios estudantes, mas também nas dinâmicas estabelecidas entre professores e alunos, influenciando expectativas, práticas pedagógicas e formas de avaliação. Como consequência, o preconceito interfere diretamente na construção das identidades, no sentimento de pertencimento e na autoestima dos estudantes, podendo comprometer seu engajamento, desempenho acadêmico e sua permanência na escola (Santos et al., 2025).

No Brasil e no mundo, os conflitos entre grupos sociais têm se materializado de forma recorrente em diferentes expressões de violência. Nesse contexto, a escola também

se configura como um espaço onde essa violência vai aparecer. A fim de ter um panorama do fenômeno, o presente estudo analisou o cenário educacional de Sergipe em dez escolas públicas, com o objetivo de diagnosticar índices de violência e conflito.

## **Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe - OPPEs**

O Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe<sup>3</sup> - OPPEs se originou do projeto de pesquisa *Observatório dos preconceitos na rede estadual de ensino de Sergipe: Modelos de convivência para resolução de conflitos nas escolas*, iniciado em 2020, por um grupo de pesquisadores da graduação e pós-graduação em Psicologia e Letras da Universidade Federal de Sergipe - UFS, que tem como objetivo pesquisar, intervir, monitorar e combater as expressões de preconceitos nas escolas da rede estadual de ensino do estado de Sergipe, a fim de promover a redução de conflitos e o empoderamento das identidades. Em 2021, o projeto foi aprovado no Edital 09/2021 da FAPITEC/SEDUC e contratado em 2022. Desde então, a cada mês, os integrantes do OPPEs foram às escolas da rede estadual para, a partir de diagnósticos sistemáticos dos níveis e tipos de conflitos entre grupos e da empiria e teoria psicossocial, estabelecerem estratégias e desenvolver ações de empoderamento identitário, combate a estereótipos, redução de preconceitos e evitação e controle das ações agressivas de discriminação. As ações envolvem professores, pais e alunos. Elas focam preconceitos e intolerâncias de vários tipos, a exemplo do sexismo, racismo, heterossexismo, capacitismo e intolerância religiosa. Atualmente, a equipe do OPPEs conta com mais de 30 membros, em nível de graduação, pós-graduação e docentes.

## **Métodos**

### *Participantes*

No geral, 1850 estudantes participaram desta pesquisa, sendo uma amostra representativa da população ( $N = 2.849$ ) das dez escolas, com uma margem de erro de 1,35%, calculada a um intervalo de confiança (IC) de 95%, para uma proporção populacional de 50%. Destes, 870 (47%) são de sexo feminino e 931 (50,50%) de sexo masculino. Houve 49

---

<sup>3</sup>Para mais informações sobre o OPPEs e acesso às publicações (livros e cartilhas), acesse em <https://oppes.org/>

(2,6%) participantes que não declararam o sexo. As idades variaram de 9 a 26 anos ( $M = 14,91$ ;  $DP = 2,26$ ). Em relação à série, 23,5% ( $N = 434$ ) eram do sexto ano do Ensino Fundamental Maior; 56,5% ( $N = 1045$ ) do primeiro ano do Ensino Médio; 13,6% ( $N = 252$ ) do Programa Sergipe na Idade Certa - ProSIC<sup>4</sup> do Ensino Médio - EM e 6,4% ( $N = 119$ ) do ProSIC do Ensino Fundamental Anos Finais - EFAF. Com o intuito de democratizar a ciência, os dados coletados estão no *Open Science Framework* - OSF e podem ser acessados em <https://osf.io/tr6uy> (Sousa et al., 2026). Para divulgação dos dados analisados, foi criado um *dashboard* e este pode ser visualizado em <https://oppesergipe.streamlit.app/>.

### *Procedimentos e análises*

A coleta ocorreu entre 13 de junho a 25 de julho de 2024, em cada uma das dez escolas pré-definidas pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED. Foram dez cidades completadas, estendendo-se da DRE-01 a DRE-09 e a DEA - Diretoria de Educação de Aracaju. A amostra virou entre as escolas de 97 a 279 participantes. Os questionários foram aplicados presencialmente, com todos os alunos em sala de aula. Em cada coleta, havia uma equipe de pelo menos três aplicadores. Para análise, foram realizadas análises descritivas a fim de verificar a média por item e a média geral das escalas.

**Tabela 1: Diretoria Regional de Educação (DRE), cidades e número de amostra por cidade**

---

<sup>4</sup>O Programa Sergipe na Idade Certa (ProSIC) pertence à política educacional da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe voltada à garantia da aprendizagem adequada em cada ano escolar. Seu objetivo primordial é assegurar que cada criança e adolescente avance na sua trajetória escolar de acordo com a faixa etária adequada, evitando atrasos, defasagens e risco de evasão. No âmbito do Ensino Fundamental, a execução do ProSIC busca alinhar práticas pedagógicas inovadoras e estratégias de apoio a uma formação que privilegia o acompanhamento contínuo do aluno, identificando suas dificuldades e oferecendo intervenções eficazes. Entre as ações implementadas, destacam-se o reforço escolar, as metodologias de aprendizagem ativa, a atuação integrada de professores e gestores e o acompanhamento sistemático do desempenho em avaliações internas e externas. A prioridade é garantir que as habilidades básicas, como leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, sejam consolidadas, de modo a permitir que os estudantes tenham condições de avançar com segurança para as etapas seguintes da vida escolar.

<b>DR</b>	<b>Cidade</b>	<b>N</b>
DEA	ARACAJU	226
DRE-01	ESTÂNCIA	279
DRE-02	SIMÃO DIAS	133
DRE-03	CAMPO DO BRITO	223
DRE-04	CARMÓPOLIS	192
DRE-05	N.SRA. DAS DORES	194
DRE-06	NEÓPOLIS	161
DRE-07	PORTO DA FOLHA	97
DRE-08	MARUIM	202
DRE-09	CANINDÉ	143
<b>Total</b>		<b>1.850</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

### *Instrumentos*

Os questionários aplicados foram impressos e continham perguntas sobre a atmosfera escolar, percepção de violências na escola e dados sociodemográficos (e.g., religião, orientação sexual, gênero, raça). Os questionários foram do tipo Likert, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre) Foram 5 eixos temáticos: 1) Existência de relações de conflito na escola (e.g., Os (as) alunos (as) desrespeitam os (as) professores (as); Os (as) professores (as) implicam com alguns alunos.) - 16 itens; 2) Como os professores lidam com os conflitos e violências (e.g., Os (as) alunos (as) envolvidos (as) são ouvidos (as) e incentivados (as) a buscar soluções para o problema.); - 8 itens; 3) Como a escola administra os conflitos e violências (e.g., Os (as) alunos (as) envolvidos (as) são suspensos (as).) - 9 itens; 4) Casos de violência durante o ano letivo relatados pelos alunos (e.g., Eu fui provocada (o), zoada (o), apelidada (o) ou irritada (o) por algum (a) colega da escola ou professor (as).) - 7 itens e 6) Onde ocorreram as ocorreram as agressões (e.g., No refeitório/cantina.) - 8 itens. Houve um item “Você já sofreu algum tipo de violência ou assédio, por exemplo: agredida(o), maltratada(o), intimidada(o), ameaçada(o), excluída(o) ou humilhada(o), nas redes sociais?” de “sim” ou “não” seguido de uma pergunta aberta “Qual violência ou assédio você sofreu nas redes sociais?” para análise de dados textuais.

### **Resultados**

Nas tabelas abaixo, há a média, por item, de cada escala. Os dados das dez escolas estão agrupados com o total da amostra ( $N = 1850$ ).

#### *Conflitos nas escolas*

Na tabela 2, observa-se que o item com maior média está direcionado ao desrespeito que os alunos têm para com os professores, indicando que os estudantes percebem os

docentes como alvos frequentes de atitudes desrespeitosas no ambiente escolar. Esses resultados são corroborados por pesquisas que apresentaram dados e discussões sobre o potencial desrespeito para com os professores. Pereira e Zuin (2019), por exemplo, apontam que o desrespeito para com os professores pode estar diretamente ligado à autoridade enfraquecida do docente. Outros aspectos envolvem, também, a violência contra professores, seja ela conhecida (testemunhada ou não) ou experienciada (vítima), que envolvem ofensa, ameaça, agressão física, furto e dano aos pertences (Pereira & Zuin, 2019). Semelhantemente, o estudo de Pinheiro et al. (2020) demonstrou que 42,5% indicaram ter sofrido atos violentos por parte de alunos.

No parâmetro de situações ocasionadas pelo contexto escolar, foi observado que professores e direção ajudam os alunos na resolução de conflitos entre eles, se estabelecendo como principais mediadores dos conflitos. No estudo de Silva et al. (2022), realizado em uma amostra de professores, com o objetivo de verificar a gestão de conflitos nas escolas, observou-se resultados semelhantes aos desta pesquisa. Os professores tendiam a realizar esforços para evitar ou resolver conflitos de qualquer maneira, visto que a não resolução de conflitos é uma das causas de enorme insatisfação para a comunidade escolar (Silva et al., 2022). A necessidade de resolução de conflitos é, de certa forma, imediata, pois podem se intensificar e o suporte da equipe gestora da escola dado aos alunos é fundamental para o desenvolvimento de segurança. Pode-se perceber no item “Os (as) professores (as) conversam com os alunos sobre problemas de convivência” ( $M = 3,408$ ), o segundo item com maior média, uma estratégia advinda dos professores para resolução de possíveis conflitos, um dado que sugere que os professores não adotam apenas medidas punitivistas, mas investem em estratégias de mediação, uma medida entendida como fundamental pela literatura (ver Lamim, 2025), uma vez que, ao promover espaços de diálogo, o professor contribui para a resolução pacífica dos conflitos.

**Tabela 2: Média por item da existência de relações de conflito na escola**

Situações ocasionadas pelos alunos	Média por item (DP)
Os (as) alunos (as) desrespeitam os (as) professores (as).	2.641*

Os (as) alunos (as) ofendem ou ameaçam alguns professores.	1.595
Alguns alunos (as) vêm para a escola após usar bebidas alcoólicas ou outras drogas.	1.653
Alguns alunos (as) vendem drogas dentro da escola.	1.255**
Alguns alunos (as) trazem facas, canivetes, estiletes etc., como armas para a escola.	1.620
<b>Média geral</b>	<b>1.757</b>
<b>Situações ocasionadas pelo contexto escolar</b>	<b>Média por item</b>
Os(as) funcionários tratam todos os (as)alunos(as) com respeito.	1.651
Os(as) professores escutam o que os alunos têm a dizer.	2.098
Os(as) professores implicam com alguns alunos.	2.170
Os(as) professores ameaçam alguns alunos.	1.248**
Os(as) professores tiram sarro ou humilham alguns alunos.	1.402
Os(as) professores conversam com os alunos sobre problemas de convivência.	3.408
Os(as) professores têm alunos favoritos.	2.979
Na maior parte das vezes, a escola pune ou dá bronca no grupo todo e não apenas nos envolvidos nas confusões.	2.825
As punições são impostas sem o(a) aluno(a) ser ouvido(a)	2.137
Quando ocorrem situações de conflitos podemos contar com os professores e a direção da escola para ajudar a resolvê-los.	3.957*
Os conflitos na escola são resolvidos de forma justa para os envolvidos.	2.382
<b>Média geral</b>	<b>2,387</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

\*Item com maior média. \*\*Item com menor média.

### *Reação aos conflitos na escola*

Na tabela 3, os dados de reação dos professores mostram que, em sequência, os (as) alunos (as) são encaminhados à direção/coordenação, a família é informada sobre o ocorrido para que tome providências e os (as) alunos (as) envolvidos (as) são ouvidos (as) e incentivados (as) a buscarem soluções para o problema. Semelhante ao que foi relatado na pesquisa realizada por Silva (2019), com o objetivo de verificar o que fazem professores mediante conflitos interpessoais em sala de aula, mostrou que estes tendem à resolução de conflitos de forma rápida e/ou os transferem para outros indivíduos da escola ou família. a resolver os conflitos de maneira rápida ou os transferem para outras pessoas da família ou da escola.

Os resultados estão em consonância com os observados anteriormente, visto que os alunos acreditam que podem contar com professores e com a direção para a resolução de conflitos, sendo o encaminhamento à direção/coordenação uma estratégia eficaz. É válida a menção acerca da informação às famílias, visto que esta, em participação com a escola, pode ajudar no desenvolvimento da formação dos alunos em relação a respeito e a adequação de comportamentos (Oliveira & Marinho-Araújo, 2010). Na forma como a escola reage, o comunicado do ocorrido à família é o item com maior média e está em

consonância à reação dos professores aos conflitos. Além disso, a escola realiza ações interventivas, a perceber pelos itens relacionados à advertência oral/escrita e suspensão.

**Tabela 3: Média por item de como os professores e a escola reagem aos conflitos**

<b>Como os professores reagem aos conflitos</b>	<b>Média por item</b>
Fingem que não perceberam	1.970
Informam a família sobre o ocorrido para que tome providências	3.772
Os(as) alunos(as) envolvidos são ouvidos e incentivados a buscar soluções para o problema	3.587
Colocam os(as) alunos(as) para fora da sala de aula	3.318
Mudam os(as) alunos(as) de lugar na sala de aula	3.029
Retiram um objeto (celular, fone de ouvido, etc.) que pertence ao(a) aluno(a)	2.531
Não sabem o que fazer	1.905**
Encaminham para a direção/coordenação/orientação	3.982*
<b>Como a escola reage aos conflitos</b>	<b>Média por item</b>
Os(as) alunos(as) envolvidos recebem advertência oralmente ou por escrito.	3.626
Os alunos envolvidos são humilhados na frente dos colegas	1.830
Os alunos envolvidos são suspensos	3.450
Os alunos envolvidos são ouvidos e convidados a reparar seus erros	3.504
A escola informa o ocorrido à família, pedindo que tome providências)	3.942*
Os(as) alunos(as) são encaminhados(as) para o Conselho Tutelar	2.147
A escola não sabe o que fazer	1.715
A escola registra um boletim de ocorrência na polícia	1.625**
A escola impede que alunos (as) participem de atividades que gostam (recreio, Educação Física, festa, excursão etc.	1.841
<b>Média geral</b>	<b>3.318</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

\*Item com maior média. \*\*Item com menor média.

### *Situações de bullying*

Nas três categorias, o item com maior média está na categoria ser testemunha de *bullying*, seguido pelo item presente na categoria alvo de *bullying*. A categoria agente de *bullying* tem uma baixa adesão aos itens e pode ser explicada pelo fato de os indivíduos não se assumirem como agressores. No estudo de Trevisol e Uberti (2015), observou-se que 60,75% dos estudantes de escola pública responderam que, com frequência, presenciam situações de *bullying*. Os estudantes da escola pública relataram que a forma comum é a violência física (64,49%) seguida de violência psicológica (53,27%) (Trevisol & Uberti, 2015). Além disso, Santos et al. (2026) verificaram uma forte associação entre ideações suicidas e violência nas escolas, sendo alvo, testemunha ou agente ( $p < 0,001$ ;  $\eta = 0,22$ ).

Em uma análise de correlação entre a idade e ser alvo, agente ou testemunha de *bullying*, houve significância estatística apenas para ser alvo de vítima ( $p = 0.001$ ;  $r = -0.109$ ), mas não para agente ( $p = 0.163$ ) e testemunha ( $p = 0.300$ ). O coeficiente de correlação negativo indica que, quanto menor a idade, maior a possibilidade de ser alvo de *bullying*, sendo possível a interpretação contrária. Para verificar se há diferença entre grupos, ou seja, entre o sexo feminino e masculino, utilizou-se o teste T de amostras independentes e apenas na categoria *agente de bullying* houve diferença significativamente estatística entre os grupos ( $p < 0.001$ ), com maiores média para indivíduos do sexo masculino ( $M = 1.354$ ), ou seja, indivíduos do sexo masculino relataram maiores médias em relação a serem agentes de *bullying*. O estudo de Malta et al. (2025) observou que, dos 19.363 estudantes que praticaram *bullying*, o sexo masculino foi o mais prevalente ( $N = 11.675$ ) e a faixa etária com maior prevalência de prática de *bullying* foi entre 13 a 15 anos. Em 2024, 2.543 crianças e adolescentes, vítimas de *bullying*, no Brasil, foram registradas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Os casos encontram-se concentrados nos Anos Finais (AF) do Ensino Fundamental (EF) e no Ensino Médio. As taxas são de 12 por 100 mil entre estudantes de 10 a 13 anos e 11,5 por 100 mil entre 14 a 17 anos, ambas acima da média nacional. Foi possível observar que o recorte por idade evidenciou um pico aos 12 anos, com 408 registros de *bullying* e 78 registros de *cyberbullying* (Brasil, 2025)<sup>5</sup>.

#### **Tabela 4: Média por item de situações de *bullying* ocorridas nas escolas**

---

<sup>5</sup>Disponível

<https://experience.arcgis.com/experience/54febd2948d54d68a1a462581f89d920/page/MEC---Viol%C3%AAs-cotidianas>

em:

<b>Alvo do bullying</b>	<b>Média por item</b>
Eu fui agredida(o), maltratada(o), intimidada(o), ameaçada(o), excluída(o) ou humilhada(o) por algum(a) colega da escola ou professor	1.978
Eu fui provocada(o), zoada(o), apelidada(o) ou irritada(o) por algum(a) colega da escola ou professor	2.184
Eu tenho medo de alguns alunos	2.093
<b>Média geral</b>	<b>1.470</b>
<b>Agente do bullying</b>	<b>Média por item</b>
Eu agredi, maltratei, intimidei, ameacei, exclui ou humilhei algum(a) colega ou professor(a) da escola	1.748
Eu provoquei, zoei, coloquei apelidos ou irritei algum(a) colega ou professor(a) da escola	1.726**
<b>Média geral</b>	<b>1.305</b>
<b>Testemunhou o bullying</b>	<b>Média por item</b>
Eu vi alguém sendo agredida(o), maltratada(o), intimidada(o), ameaçada(o), excluída(o) ou humilhada(o) por algum(a) colega ou professor(a) da escola	1.732
Eu vi alguém sendo provocada(o), zoada(o), recebendo apelidos ou irritada(o) por algum(a) colega ou professor(a) da escola	2.287*
<b>Média geral</b>	<b>1.888</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

\*Item com maior média. \*\*Item com menor média.

### *Lugares de bullying*

O lugar mais comum que ocorre o *bullying* é o ambiente online. Este é seguido de locais próximos à escola e nos corredores. Observa-se que os três locais com maiores prevalências são mais velados, longes de possíveis punições e de observação. O *cyberbullying* é um fenômeno moderno e que, por ocorrer nos meios digitais e eletrônicos, torna-se um desafio combatê-lo, já que esse tipo de ataque extrapola os limites da escola e os agentes muitas vezes se escondem, dificultando a identificação dos responsáveis (Moreira-Primo et al., 2025). Os dados do questionário corroboram com os dados obtidos a partir da pergunta “Você já sofreu algum tipo de violência ou assédio, por exemplo: agredida(o), maltratada(o), intimidada(o), ameaçada(o), excluída(o) ou humilhada(o), nas redes sociais?”. Assim, observou-se que 296 (16,5%) dos participantes responderam que sim, enquanto 1445 (83,5%) responderam não. Foi realizado um teste de qui-quadrado para verificar a associação entre sexo e ser vítima de violência/assédio e foi encontrada uma associação significativa  $X^2(1) = 43,24; p < 0,0001$ , sendo 22,2% das meninas e 10,4% dos meninos. Essa diferença aponta para variações na experiência de violência de acordo com o gênero, sugerindo que as meninas enfrentam mais exposição a essas situações.

**Tabela 5: Média por item de lugares que ocorreram o *bullying***

<b>Ambiente escolar</b>	<b>Média por item</b>
Na classe	1.978
Nos corredores	2.093
No refeitório/cantina	1.748
Nos banheiros	1.726
Na quadra	1.732
<b>Imediações da escola</b>	<b>Média por item</b>
Em locais próximos à escola	2.287
<b>Ambientes online</b>	<b>Média por item</b>
Através da internet ou celular	2.377
<b>Média geral</b>	<b>1.915</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

\*Item com maior média. \*\*Item com menor média.

### *Dados qualitativos*

A partir da pergunta “Você já sofreu algum tipo de violência ou assédio, por exemplo: agredida(o), maltratada(o), intimidada(o), ameaçada(o), excluída(o) ou humilhada(o), nas redes sociais?”, observou-se que 296 (16,5%) dos participantes responderam que sim, enquanto 1445 (83,5%) responderam não. Foi realizado um teste de qui-quadrado para verificar a associação entre sexo e ser vítima de violência/assédio e foi encontrada uma associação significativa  $X^2(1) = 43,24; p < 0,0001$ , sendo 22,2% das meninas e 10,4% dos meninos. Além disso, foi observado um *Odds Ratio* (OR), ou razão de chance, de 2,456, ou seja, mulheres têm aproximadamente 2,5% de chances de sofrer *bullying* do que homens. Essa diferença aponta para variações na experiência de violência de acordo com o gênero, sugerindo que as meninas enfrentam mais exposição a essas situações.





Nessa categoria, foram agrupados relatos relacionados às situações de exclusão, ameaça e assédio. A Tabela 6 apresenta exemplos de respostas que ilustram as principais características dessa categoria.

**Tabela 6: Respostas abertas dos participantes sobre exclusão, assédio e ameaça nas redes sociais**

ID	Resposta
F15a <sup>6</sup>	<i>Exclusão e assédio (fora da escola)</i>
F16a	<i>Já fui ameaçada por uma antiga colega de classe</i>
M16	<i>Brincadeiras de mau gosto e apelidos na escola</i>
F14a	<i>Assédio, intimidada, ameaçada</i>
F14b	<i>Já fui humilhada por ser morena, já fui agredida na escola e já fui excluída</i>
M15a	<i>Eu já fui humilhado, fui agredido nas redes sociais, maltratado</i>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

As vivências de exclusão, ameaça e assédio estão no campo tanto das intergrupais quanto das relações interpessoais. Os dados indicam que as experiências relatadas pelos participantes não se restringem a episódios isolados, mas são parte de um contexto de violências. Para Baia e Machado (2021), a exclusão, o assédio e as ameaças aparecem como as expressão de relações interpessoais fragilizadas, nas quais o respeito à diversidade e à existência do outro são comprometidos. O que, conforme Silva et al. (2023), tem o sofrimento psicossocial como um dos principais desdobramentos dessas vivências, especialmente quando as respostas institucionais são limitadas a ações de cunho individual, sem a adoção de medidas efetivas em relação ao agressor ou ao ambiente escolar como um todo.

#### *Preferência por não relatar*

As respostas reunidas na categoria diziam respeito aos estudantes que tinham preferência por não relatar as situações de violência às quais foram submetidos. Respostas características da categoria podem ser observadas na Tabela 7.

<sup>6</sup>F - feminino; M - masculino; a, b, c, d, e foram utilizadas para diferenciar os sujeitos.

**Tabela 7: Respostas abertas dos participantes sobre preferência por não relatar situações de violência na escola**

ID	Resposta
F11	<i>Sim, mas não quero relatar</i>
F15b	<i>Deixe pra lá</i>
M14	<i>Prefiro não informar</i>
F16b	<i>Não quero falar</i>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

Algumas respostas versaram sobre a preferência por não relatar e outras sobre o desejo de “deixar pra lá”. Embora, aparentemente, as expressões possam ser interpretadas como ausência de dados, a forma pode denunciar silenciosamente quem é alvo constante de violência. É um aspecto válido a ser mencionado, pois, como aponta Sionek et al. (2020), sobre a pesquisa qualitativa permitir

– e por vezes provoca – que os participantes revisitem sua história e, por conseguinte, vivenciem sentimentos e elaborem reflexões. Ao relatar sua experiência, é possível que se deparem com aspectos que lhes estavam opacos e que são desvelados e percebidos ao longo da entrevista. Ou ainda, situações e significados que lhe eram conhecidos e que, no desdobramento da narrativa, são vistos desde outro prisma. Deparar com a própria vida ou com uma experiência significativa específica é uma oportunidade para ressignificações e tomada de novas perspectivas, novos sentidos (p.12).

Os relatos que versam sobre “preferir não falar sobre o assunto” são representativos do silêncio sobre violência na escola. Nesse sentido, essa preferência dialoga com o padrão identificado no estudo de Giffoni (2016), o qual apontou esse silêncio ou silenciamento, sobretudo entre homens, jovens, pessoas com menor renda e determinados grupos sociais. O mesmo estudo revelou ainda que, há presença do silêncio em praticamente todos os níveis de escolaridade, o que para a autora indicaria que essa postura não está restrita a um único perfil, mas presente em diferentes contextos, reforçando seu aspecto estrutural.

### *Vivência de Preconceito*

Na presente categoria ficaram reunidos relatos cujo conteúdo são principalmente vivências de preconceito ou *bullying* motivado por preconceito, entre eles, racismo, homofobia e gordofobia, como é possível observar na Tabela 8.

**Tabela 8: Respostas abertas dos participantes sobre vivências de preconceito na escola**

ID	Resposta
M15b	<i>Homofobia</i>
F15c	<i>Racismo dos alunos na brincadeira</i>
F15d	<i>Racismo, ameaça de morte e outras humilhações</i>
M11a	<i>Sofro racismo e preconceito também, sou agredido tanto verbal como físico e até em outra escola fui maltratado por uma professora</i>
F15e	<i>Bullying por ser chamada de gordinha</i>
M11b	<i>Racismo, porque sou feio e me apelidam</i>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026)

Os resultados encontrados dialogam com o que a literatura já apontou anteriormente: muitas vezes às escolas se constituem como um lugar de reprodução de preconceitos (Medeiros, 2023; Lima, 2025). Os relatos trazidos aqui concretizam esse fato ao apontarem experiências marcadas pela discriminação e pela exclusão, além de demonstrarem que essas violências acontecem não apenas entre alunos, mas também de professor para aluno.

No que se refere a experiências de homofobia na escola, os estudos indicam que, para essa população, a escola é frequentemente percebida como um espaço hostil, marcado por dificuldades de convivência e permanência, que vão muitas vezes afastar o estudante do ambiente escolar. A recorrência de violências verbais e físicas que contribuem para a construção de um espaço dominado pelo medo, pela insegurança e pelo

sentimento de não pertencimento, que compromete o bem-estar emocional e o desempenho acadêmico dos estudantes (Medeiros, 2023; Lima, 2025).

Para as vivências de racismo no contexto educacional, as práticas e consequências são semelhantes. As situações de racismo tendem a ser encobertos na escola, o que contribuirá para a manutenção e reprodução de violências futuras tanto na própria escola quanto em outros espaços sociais. As consequências impactarão tanto às vidas das crianças negras, quanto das crianças brancas, embora em níveis diferentes. Para crianças negras, essas experiências reforçam a percepção da escola como um local inseguro e pouco acolhedor, comprometendo suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem. Já para crianças brancas, o racismo contribui para a naturalização de comportamentos discriminatórios, dificultando a construção de uma consciência crítica acerca dos próprios privilégios, das desigualdades raciais e de seus impactos na vida coletiva (França et al., 2025).

No que concerne aos relatos de gordofobia e *bullying*, por vezes *bullying* gordofóbico, os resultados evidenciam como características corporais, principalmente aquelas que fogem aos padrões socialmente valorizados, tornam-se alvo de práticas sistemáticas de violência no ambiente escolar, uma das principais características do *bullying*. Esse dado é respaldado pela literatura (ver Souza & Gonçalves, 2022), a qual vai apontar ainda que a gordofobia gera desconforto, desânimo e sofrimento entre os estudantes, práticas que afetam diretamente o desenvolvimento acadêmico, uma vez que comprometem a motivação, a autoestima e o sentimento de pertença do aluno a escola.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa buscou investigar o clima escolar em dez escolas de Sergipe, a partir de uma metodologia mista, unindo questionário aberto, que permite captar detalhes relacionados à expressão própria dos participantes, além de escalas que permitem análises e aplicabilidades em futuras pesquisas.

Os principais resultados desse estudo evidenciaram que o desrespeito direcionado aos professores é uma das manifestações mais comuns de violência percebida no ambiente escolar, indicando que os docentes são frequentemente alvo de atitudes que fragilizam sua autoridade e sua atuação pedagógica. Observou-se também que os professores e equipe gestora desempenham papel importante na mediação dos conflitos e que adotam estratégias de mediação que privilegiam o diálogo, a escuta e o encaminhamento dos estudantes à coordenação e às famílias. Esses achados demonstram

que, embora práticas punitivas ainda estejam presentes, outras ações mediadoras são adotadas para a resolução pacífica dos conflitos.

No que se refere ao *bullying*, o estudo encontrou uma maior frequência de estudantes na condição de testemunhas e vítimas, enquanto a categoria de agentes apresentou menor adesão, possivelmente em razão da dificuldade dos indivíduos em se reconhecerem como agressores. Além disso, foi identificada maior prevalência de comportamentos de *bullying* entre estudantes do sexo masculino. Outro aspecto se refere aos locais de ocorrência do *bullying*, onde se destaca o ambiente virtual, seguido por espaços próximos à escola e corredores, espaços que contam com menor alcance interventivo da instituição.

Quanto ao *cyberbullying*, a análise estatística indicou uma associação significativa entre sexo e vitimização nas redes sociais, demonstrando que as meninas apresentam maior probabilidade de sofrer violência e assédio online, o que evidencia desigualdades de gênero na vivência dessas experiências. Ainda nos dados quantitativos, oriundo das respostas abertas, se destacaram termos relacionados ao assédio, exclusão, ameaça e humilhação, indicando que essas formas de violência são as principais experiências relatadas pelos estudantes. Por meio de uma análise de conteúdo dos dados da pergunta aberta sobre vivências de violência, foram identificadas três categorias centrais: exclusão, ameaça e assédio; preferência por não relatar; e vivências de preconceito. Essas categorias revelam que, além das agressões diretas, o silêncio das vítimas, os preconceitos e as discriminações motivadas por raça, orientação sexual e aparência física emergem enquanto fenômenos parte das vivências de violência dos estudantes.

Algumas limitações da presente pesquisa devem ser consideradas, a exemplo da representativa regional limitada. Embora a amostra seja representativa dos espaços nos quais a pesquisa foi realizada, está especificamente centrada no contexto de Sergipe, podendo limitar a generalização dos resultados para o contexto nacional brasileiro. Outro aspecto importante é que, em algumas escolhas, o número amostral foi maior. Há uma variação significativa no número de participantes por cidade, de 97 a 279, podendo influenciar em médias gerais. A natureza da pesquisa quantitativa, com questionários, está sujeita à desejabilidade social, ou seja, os participantes podem não responder de acordo com o esperado e, conseqüentemente, introduzindo viés nas respostas. Outro aspecto que merece atenção é que o estudo é transversal, ou seja, foi coletado o dado em apenas um recorte temporal específico. Sugere-se que dados de pré e pós-diagnósticos sejam feitos para a avaliação temporal do clima escolar. Por fim, as respostas curtas da

pergunta aberta podem dificultar nas análises e na compreensão, embora, no presente estudo, seja possível compreender o fenômeno estudado. Espera-se que, em pesquisas futuras, questões abertas sejam mescladas aos questionários e que sirvam de carácter exploratório.

De modo geral, o preconceito e o *bullying* não apenas atingem os estudantes individualmente, mas também enfraquecem o clima escolar, prejudicando as relações intergrupais e interpessoais, se materializando em processos de exclusão. Os resultados do estudo apontam que a violência escolar tanto presencial quanto virtual são fenômenos multidimensionais, por fatores sociais, institucionais e culturais. Evidencia-se a necessidade de investimentos contínuos na formação docente e no fortalecimento das políticas públicas focadas na prevenção de violências, na educação para o meio digital e na promoção de uma cultura escolar de respeito, inclusão e valorização da diversidade.

## REFERÊNCIAS

- BAIA, Samira Fakhouri & MACHADO, Lucília Regina de Souza. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. *Interações*, Campo Grande, v. 22, n. 1, p. 177–193, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Violências cotidianas nas relações escolares. BRASÍLIA. 2025. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/54febd2948d54d68a1a462581f89d920/page/MEC---Viol%C3%A4ncias-cotidianas>
- GIFFONI, Renata Mafra. *O silêncio da violência*. 2016. Dissertação (Pós-graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- LAMIM, Jeuziane Duarte. A GESTÃO EFICAZ DE CONFLITOS EM SALA DE AULA: O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR E FACILITADOR. *Conhecendo Online*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 30–41, 2025.
- FRANÇA, Dalila Xavier de; RIBEIRO, Barbara Santana; SOUZA, Maria Vitória Carvalho; SANTOS, Flávia Vieira. O enfrentamento ao racismo na escola: contribuições das intervenções antirracismo no OPPEs. In: LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de (Orgs.). *Enfrentando o preconceito na escola: contribuições da psicologia social*. [Maringá]: Editora Viseu, 2025. p. 48-68.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Categorização, identidade social e autoestima em estudantes do Ensino Médio. In: LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de (Orgs.). *Enfrentando o preconceito na escola: contribuições da psicologia social*. Maringá: Editora Viseu, 2025. p. 15-31.
- LIMA, Kaline da Silva. LGBTQIAPN+fobia na escola. In: LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de; FREITAG, Raquel Mesiter Ko (Orgs.). *Observatório dos preconceitos na rede estadual de ensino: modelos teóricos e empíricos de entendimento e intervenção nos conflitos intergrupais nas escolas*. São Cristóvão: Editora EDUFS, 2025. p. 238–267.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Prática de *bullying* por estudantes de 13 a 17 anos segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2019). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 28, p. e250003, 2025.
- MEDEIROS, Jarles Lopes. A escola que frequentamos: um passado de silêncio, preconceito e violência LGBTQIA+. *Revista Exitus*, n. 13, p. 78, 2023.
- MOREIRA PRIMO, Ueliton Santos; LIMA, Raquel Santos Galvão; SANTOS, Ruan Cardoso; FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (org.). *Bullying e cyberbullying na escola: protocolo de atuação e combate*. São Cristóvão, SE: Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe (OPPEs); Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2025.
- Oliveira, Cynthia Bisinoto Evangelista de & MARINHO-ARAÚJO, Cynthia Bisinoto Evangelista de. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 27, n. 1, p. 99–108, jan. 2010.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto & ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico. *Educar em Revista*, [S. l.], v. 35, n. 76, p. 331–351, 2019.

PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão et al. Características da violência contra professores de escolas públicas. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 20, n. spe1, p. 1-12, 2020.

SANTOS, Joana dos; SOUZA, Maria Vitória Carvalho; LIMA, Raquel Santos Galrão; ANUNCIACÃO, Joanne Oliveira. Percepções de preconceitos no cotidiano escolar: grupos focais com professores. In: LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de; FREITAG, Raquel Mesiter Ko (Orgs.). *Observatório dos preconceitos na rede estadual de ensino: modelos teóricos e empíricos de entendimento e intervenção nos conflitos intergrupais nas escolas*. [São Cristóvão]: Editora EDUFS, 2025. p. 100–136.

SANTOS, Joana dos et al. Saúde mental e ideação suicida: fatores de risco e proteção em estudantes da rede pública estadual de educação. *Saense*. <https://saense.com.br/2026/02/saude-mental-e-ideacao-suicida-fatores-de-risco-e-protecao-em-estudantes-da-rede-publica-estadual-de-educacao/>. Publicado em 23 de fevereiro (2026).

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, p. e210649, 2023.

SILVA, Ellery Henrique Barros da & NEGREIROS, Fauston. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 327-340, dez. 2020.

SILVA, Helena Barroso da. *Conflitos interpessoais em sala de aula: o que fazem os professores?* 2016. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) — Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2016.

SILVA, Maria Cristiane Lopes da; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira & ALMEIDA, Sinara Mota Neves de. Tecendo olhares sobre a gestão dos conflitos na escola. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 15, n. 1, p. 303–320, jan. 2022.

SILVA, Narla Ismail Akel & Puentes-Palacios, Katia. Desenvolvimento e validação da Escala de Conflitos Intragrupos - ECIG. *Psico-USF*, v. 15, n. 2, p. 205–213, maio 2010.

SIONEK, Luiza; Assis, Dafne Thaissa Mineguel & Freitas, Joanneliese de Lucas. “SE EU SOUBESSE, NÃO TERIA VINDO”: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS DA ENTREVISTA QUALITATIVA. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 25, n.5, p. 1-15, 2020.

SOUSA, David Tavares de et al. *Diagnóstico do Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe (OPPEs)*. [S. l.]: OSF, 23 fev. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2PAVZ>.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia, *bullying* e violência na escola: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. *Eccos Revista Científica*, n. 60, 2022.

Trevisol, Maria Teresa Ceron & Uberti, Luana. *Bullying* na escola: a compreensão do aluno no papel de testemunha. *Psicologia: teoria e prática*, v. 17, n. 3, p. 164-176, 2015.

Turner, John Charles; Brown, Rupert & Tajfel, Henri. Social comparison and group interest in ingroup favouritism. *European journal of social psychology*, v. 9, n. 2, p. 187-204, 1979.

VALLE, Paulo Roberto Dalla & FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. *Educação em Revista*, v. 41, p. e49377, 2025.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Os autores declaram não haver qualquer conflito de interesses de natureza política, financeira, institucional ou relacionada à provisão de materiais e equipamentos utilizados neste estudo.

## **CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES**

D. T. Sousa: contribuiu com a concepção e delineamento do estudo, coleta e análise formal dos dados, redação do manuscrito original, revisão crítica do conteúdo intelectual e aprovação da versão final para publicação.

J. Santos: contribuiu com a concepção e delineamento do estudo, coleta e análise formal dos dados, redação do manuscrito original, revisão crítica do conteúdo intelectual e aprovação da versão final para publicação.

M. E. O. Lima: contribuiu com a concepção e delineamento do estudo, coleta e análise formal dos dados, redação do manuscrito original, revisão crítica do conteúdo intelectual e aprovação da versão final para publicação.

D. X. França: contribuiu com a concepção e delineamento do estudo, coleta e análise formal dos dados, redação do manuscrito original, revisão crítica do conteúdo intelectual e aprovação da versão final para publicação.

## **DECLARAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA**

Os dados de pesquisa estão disponíveis em um ou mais repositório de dados.

Os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito.

Os dados de pesquisa estão disponíveis sob demanda, condição justificada no manuscrito.

SOUSA, David Tavares de; FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira & SANTOS, Joana dos. (2026, February 23). *Diagnóstico do Observatório Permanente dos Preconceitos em Escolas de Sergipe (OPPES)*. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2PAVZ>

## **COMITÊ DE ÉTICA**

Projeto aprovado pela Comissão de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (UFS) com um número de parecer 5.245.661.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.